

Turigrinos e Peregrinos nos Caminhos a Santiago de Compostela: neologismo e conflitos culturais

*Turigrinos and Pilgrims on the Way to Santiago de Compostela:
neologism and cultural conflicts*

Leandro Eustáquio Gomes¹

RESUMO: Buscou-se neste artigo apresentar e discutir o neologismo “turigrinos” no caminho de peregrinação a Santiago de Compostela. O Caminho de Santiago é a segunda maior rota de peregrinação cristã do mundo e atrai centenas de milhares de peregrinos todos os anos, percorrendo as múltiplas rotas com início em diversos países e locais em direção à cidade de Santiago de Compostela em Espanha. Para esta construção, apresentou-se questões históricas e conceituais norteadoras sobre os caminhos a Santiago de Compostela, peregrinos e o neologismo turigrinos. O termo turigrinos abarca, além de significados e o processo de transformação do perfil de pessoas que percorrem a rota, um conflito cultural observado a partir de reflexões obtidas por meio das experiências adquiridas através de levantamento bibliográfico e na observação participante em viagens de peregrinação a pé, da cidade do Porto (Portugal) à cidade de Santiago de Compostela (Espanha). Essas experiências foram parte da pesquisa de campo realizada durante o mestrado e doutorado em Antropologia Social e Cultural cursados na Universidade de Coimbra/Portugal.

Palavras-chave: Turigrinos; Peregrinos; Caminho de Santiago de Compostela; Portugal; Espanha.

1 Doutorando e Mestrado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Coimbra, Portugal. Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva. E-mail: leandroegomes@gmail.com

ABSTRACT: The aim of this article was to present and discuss the neologism “turigrinos” (tourigrims) on the pilgrimage to Santiago de Compostela. This Way is the second longest Christian pilgrimage route in the world and it attracts hundreds of thousands of pilgrims every year, taking multiple routes starting in different countries and places towards Santiago de Compostela in Spain. For this construction, historical and conceptual questions were presented about the routes to Santiago de Compostela, pilgrims and the neologism turigrinos. The term turigrinos embraces, in addition to meanings and the process of transforming the profile of people who travel the route, a cultural conflict observed by bibliographical research and participant observation on pilgrimage trips on foot, from the city of Porto (Portugal) to Santiago de Compostela (Spain). These experiences were part of the field research carried out during the master and doctorate degree in Social and Cultural Anthropology at the University of Coimbra/Portugal.

Keywords: Turigrinos (Tourigrims); Pilgrims; Way of Santiago de Compostela; Portugal; Spain.

1. INTRODUÇÃO

Desde século XI, o culto e as peregrinações a Santiago de Compostela já possuíam grandes dimensões na Europa, e o crescente número de milagres atribuídos a ele (Santiago), reforçavam a ideia do culto e as práticas de peregrinação até à cidade de Compostela (PLÖTZ, 1993). Por isso esse artigo utiliza abordagens complementares para compreender os contextos e permeabilidades que são abarcados pelo fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela. Neste contexto, busca-se apresentar e discutir o cenário controverso e conflituoso sobre os termos peregrinos e turigrinos.

Inicialmente discorre-se sobre as origens e lendas de Santiago e o surgimento dos Caminhos a Santiago de Compostela. Em seguida, apresenta-se conceitos e definições sobre peregrinos e turigrinos e os impactos práticos nos Caminhos a Santiago de Compostela.

Este artigo é resultado de reflexões obtidas por meio das experiências adquiridas na pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2016 como parte do mestrado e doutorado em Antropologia Social e Cultural na Universidade de Coimbra/ Portugal. Foi realizada uma observação participante realizada em uma viagem a pé de aproximadamente 260 km na rota portuguesa, ou como também é referida, o Caminho Português a Santiago de Compostela. O trajeto principal do estudo foi o Caminho Central¹ que corresponde ao trecho entre a cidade do Porto, Portugal à cidade de Santiago de Compostela, Espanha. Essa observação foi parte das pesquisas realizadas durante o mestrado e doutorado em Antropologia social e cultural realizados na Universidade de Coimbra tendo como tema o Caminho de Santiago.

2 DE PEREGRINOS À TURIGRINOS: NEOLOGISMO EXCLUDENTE

As pesquisas antropológicas demonstram a presença de peregrinações rituais nas mais diversas culturas como, por exemplo, entre os registros babilônicos que datam do ano 2300 a 2000 antes de Cristo (a.C) e demonstram o deslocamento a locais sagrados. Há diversas peregrinações nas culturas, sejam elas hindus, budistas ou judaicas e estas são realizadas como forma de penitência, adoração e realização bem como outros rituais diversos, consoantes às crenças (RIVAS, 1997).

Assim, Pereira (2003) diz que a peregrinação foi ou é a prática comum em várias crenças religiosas, e que o termo peregrinação surge depois da existência da ação e ato de peregrinar. Os locais de destino das peregrinações são bem variados e vão desde ambientes naturais como montanhas, grutas, lagos, florestas a outros pontos e marcos geográficos, como edificações. A estes locais são atribuídos os privilégios

1 As principais localidades do trajeto são: Porto, Vairão, Vilarinho, Barcelinhos, Barcelos, Tamel, Ponte de Lima, Rubiães, Valença do Minho, Tui, Porriño, Redondela, Mos, Pontevedra, Caldas de Reis, Brialhos, Padrón, Teo, com chegada a Santiago de Compostela.

de ligação com o místico ou são locais onde viveram ou passaram figuras tidas como referências (guias religiosos, mártires de causas nobres, entre outros) ou onde se encontra algum pertence dos mesmos (PEREIRA, 2003).

Por mais diversos que sejam os locais, a característica comum a estes, é que são tidos como locais sagrados e de ligação com outros planos e mundos. A peregrinação, seja ela nas religiões do ocidente ou do oriente, tem como objetivo a procura do sagrado e aproximar-se do divino (DIAS, 1994). Ao longo dos tempos e contextualizações, as peregrinações sofreram grandes mudanças, em relação aos locais, trajetos e motivações. A contemporaneidade, não se distancia disso, pois há um processo de mudanças acentuadas e cada vez mais dinâmicas e rápidas, que englobam a peregrinação.

A peregrinação caracteriza-se por uma viagem que é realizada por devoção a um local sagrado, contendo três elementos fundamentais: o peregrino, o local sagrado e o caminho destino. Porém, é relevante salientar que os motivos que levam os indivíduos a realizar a peregrinação são bastante diversos e não se resumem a questões religiosas (PEREIRA, 2003).

A construção da palavra peregrinação tem como origem a palavra peregrino, cuja raiz vem do latim *peregrinus*, e que, posteriormente deriva, na Idade Média, para *pelegrinus*, em que *per agro* significa caminhar pelos campos, e *per eger* significa para lá das fronteiras, o que demonstra relação com ser estrangeiro, um ser em viagem. Este sentido ficou conhecido e foi aplicado desta forma, até ao século XI (TEIXEIRA, 2008).

Como já mencionado, os peregrinos são as pessoas que saem do seu domicílio em viagem a um lugar sagrado, um santuário, sendo o termo peregrino também similar ao de romeiro. Porém, inicialmente, o termo romeiro era atribuído a quem seguia para Roma. No entanto, o termo apenas muda de acordo com o local de destino, as intenções continuam as mesmas, fazem viagens a locais sagrados. (ARENAS, 1998).

Segundo o Guia da Peregrinação, do Ano Jubilar de 2000 (Jubileu, 2000):

A palavra peregrinação indica, etimologicamente, a condição daquele que se acha fora de casa, isto é, fora do seu lugar de residência, fixa, segura e estável. No sentido religioso é uma prática e uma atitude espiritual comum a todas as crenças é de facto, todas as religiões têm seus lugares significativos de peregrinação.

Desde os primeiros tempos da igreja, a peregrinação é uma atividade de indivíduos ou grupos que se dirigem a um lugar santo ou a um determinado santuário, para cumprir uma experiência de fé. Ao longo da história, os motivos desta prática têm sido diversos e dado lugar a diferentes tipos de peregrinação: penitencial, devota e jubilar. (JUBILEU, 2000, p.14).

SILVA (2004) apresenta algumas características da peregrinação, e cita Victor Turner o qual diz que na peregrinação há três momentos distintos. O primeiro é a separação, em que se sai do mundo profano, se distancia da família, do trabalho e desloca-se para fora do ambiente habitual geográfico de trânsito e relações. O

segundo é a transição, em que consiste num dado período de tempo em que o indivíduo permanece fora, que está distante do conforto do lar, fora de uma zona de conforto habitual, uma fase de inseguranças e exposições numa procura por atingir uma meta. Já a terceira fase é a incorporação ou reintegração, compreendida como o processo de retorno ao lar, às suas origens e locais habituais, porém como um ser diferente, enriquecido com as experiências, pela superação física e uma reconstrução interior pela reflexão. A peregrinação segundo Turner e Turner (1978) é como um ritual de passagem, porém, não é algo inevitável e obrigatório.

A peregrinação é compreendida como um processo de desprendimento, simplicidade, adaptabilidade e abertura para uma reflexão espiritual, como uma busca de uma nova forma de ver e seguir a vida, um despertar de uma nova consciência. Na peregrinação é criada uma unidade *communitas*, em que há uma horizontalidade das hierarquias e estatutos sociais, ou seja, os peregrinos assumem um carácter de “iguais e comuns”, em que no momento da peregrinação os iguala, numa identidade única e comum de peregrinos (TURNER; TURNER, 1978).

As peregrinações são movimentos que estão a crescer cada vez mais no mundo moderno, fato que é também justificado pela busca de uma exteriorização da fé, embora deva destacar-se que há um crescente número de indivíduos que realizam a peregrinação como forma de turismo. (TURNER; TURNER, 1978). Atualmente, o termo peregrinação não se restringe à questão religiosa. Porém, a peregrinação por mais que tenham outras conotações e possíveis variações, ainda segue a ideia de estar associada à religião, isto é, que o predomínio na sua associação é o sagrado (PEREIRA, 2003). Mas nesse cenário de diversidade de motivações surgiu o termo turigrinos.

Como descritos na Xacopédia², o turigrinos é:

Também citado às vezes como turiperegrino. De “turista” e “peregrino”. Palavra da gíria do Caminho de Santiago surgiu para se referir criticamente às pessoas que fazem o Caminho de Santiago sem transcendência e sem compreender e aceitar os conceitos de hospitalidade, solidariedade, companheirismo e sobriedade que são, para muitos peregrinos e hospitaleiros, a essência da rota jacobea. Este dito é frequente entre muitos hospitaleiros voluntários, hostellers e regulares do Caminho. O turigrino exige, o peregrino aceita. Outra maneira de dizê-lo, ouvida em algum lugar ao longo do caminho. Existem dois tipos de peregrinos: aquele que pisa no Caminho e aquele que entra no Caminho (XACOPÉDIA, 2020)³.

Esse neologismo turigrino é uma construção classificatória descrita por seus utilizadores como forma apontar ou denominar quem não eram os verdadeiros peregrinos. Durante a investigação do mestrado em Antropologia Social e Cultural,

2 Xacopédia: A Xacopédia é um Website que compila informações da história, termos, conceitos e definições que estão ligados às peregrinações a Santiago de Compostela. .

3 Turigrino: Definição/Conceitos Disponível em: <http://xacopedia.com/turigrino>. Acesso em: 11 set. 2020

tendo como estudo o Caminho Portugues a Santiago de Compostela, em 2011, foi indagado aos diversos interlocutores sobre as origens do termo e critérios de utilização.

As respostas seguiam um padrão, uma uniformidade, em que se dizia que “o turigrino exige, já o verdadeiro peregrino, agradece”. Essa fala era usual, principalmente, pelos hospitaleiros, pessoas que trabalham nos albergues públicos para os peregrinos. Frente as respostas que limitavam entendimento e conclusões, eram solicitadas explicações mais objetivas e criteriosas. Assim, as observações e critérios apresentados foram que os verdadeiros peregrinos faziam o caminho por motivações religiosas, já os ditos peregrinos faziam como turismo. Os entrevistados também diziam que haviam pessoas que começavam a fazer o caminho como peregrinos e terminavam como turigrinos, e vice-versa.

Diante dessas alegações, foi questionado sobre como era possível saber quem estava a fazer o caminho pela motivação religiosa e quem estava a fazer por turismo, uma vez que não havia na Credencial do Peregrino⁴ e nem nos albergues, questionamento ou registo da motivação. Novamente surgiu a resposta de que “o turigrino exige, já o a verdadeiro peregrino, agradece”.

As subjetividades dos critérios para denominação não respondiam de maneira satisfatória aos questionamentos. Durante um dos trabalhos em campo no doutoramento, no ano de 2015, realizado com auxílio de um geógrafo, quando da chegada ao albergue, a hospitaleira, com um ar frio e semblante fechado, perguntava o que se queria e solicitava a credencial de peregrino. Depois da entrega analisava-os para verificar onde havia começado, onde havia passado e onde havia ficado, e porque se escolheu ficar em determinados locais. Questionou por que não havia ficado em Valência do Minho, cidade anterior a Tui, no território português. Dentre esses locais de passagem e hospedagens, verificou que, na credencial havia o carimbo de uma outra hospedaria, e perguntou se lá se havia dormido.

Deparados com esta pergunta, criou-se um espaço para falar ou explicar sobre o trabalho de investigação. Contudo, a investigação também não foi vista com bons olhos por parte da hospitaleira que, num ar de desprezo, disse ser mais uma de tantas outras investigações que era feita sobre o Caminho de Santiago. Rapidamente a senhora também disse, em tom de ameaça e censura, que não daria qualquer informação e que não poderia ser feito qualquer tipo de trabalho no albergue, pois, caso fosse feito, ela moveria um processo. Foi-lhe então explicado o projeto, e que as cartas de apresentações e pedido de autorização tinham sido enviadas por correio eletrônico e por meio convencional. Mas a senhora, no tom ainda mais áspero, respondeu que não, que não permitiria nada.

Apesar da forma de tratamento, a hospitaleira permitiu hospedagem no albergue

4 Credencial do Peregrino: documento adquirido através da compra que serve de registro do trajeto realizado, acesso aos albergues públicos, e também necessário para solicitar a Compostela, que é o documento, “diploma”, emitido em latim que comprova a peregrinação a Santiago de Compostela.

para dormir, e quando se chegou ao quarto, e se iniciou a conversa com os demais peregrinos, que acabaram por dizer, com um ar de assustados, que parecia que tinham chegado a um quartel militar, pois a senhora hospitaleira os tinha tratado de maneira semelhante.

Passados alguns minutos, chegou à recepção um peregrino que aguardava para jantar. Contudo, a senhora disse-lhe que não estávamos lá. No entanto, este entrou em contato por telefone e dissemos-lhe que já iríamos encontrar com ele na recepção. Quando se chegou à recepção, o peregrino já estava a conversar com a hospitaleira. Este peregrino, senhor espanhol de 72 anos, falava das suas experiências no caminho e das mudanças que tinha detectado nos anos que se passaram, desde que fez o caminho pela primeira vez.

De repente, a hospitaleira começa a discursar sobre o verdadeiro peregrino e sobre os turigrinos. Neste seu discurso percebeu-se a razão do seu “inquerito” aquando da chegada ao albergue. Disse que, naquele local só podiam ficar os verdadeiros peregrinos, que segundo ela, eram aqueles que fazem o caminho por motivos religiosos e espirituais, já os demais, faziam o caminho por esporte e turismo, de forma mais econômica.

Assim, ela fez uma descrição dos detalhes que observa nos peregrinos, tais como, o tamanho da mochila que levava, se a mochila tinha alguma indicação que ela estava a ser levada por alguma empresa de transporte ou veículo de apoio; se o peregrino demonstrava estar fisicamente cansado ou suado, sendo estes os sinais para se perceber se vem de carro ou se carrega realmente a mochila; quanto aos locais onde o peregrino ficou, ou seja, os locais onde pernitoiu, se ficou em albergues privados ou hotéis. Segunda ela, estes são sinais que denunciam os falsos peregrinos, e que os falsos não tinham o direito de ficar nos albergues públicos, pois esses espaços são apenas para os verdadeiros peregrinos.

Quando contestada pelo peregrino espanhol sobre os critérios utilizados por ela, e onde estavam estabelecidos esse conjunto de regras, a mesma disse que trabalhava com um livro de regras debaixo do braço, e que, o verdadeiro peregrino não exigia nem questionava, apenas agradecia.

Após retorno da viagem, numa reunião que se realizou com o orientador, viu-se a necessidade de comunicar o fato ocorrido à instituição responsável pelos albergues públicos, em Espanha, isto é, aos Xacobeos na Galícia. Essa comunicação foi realizada por meio eletrônico (*e-mail*) e envio de carta física convencional. A instituição em questão, após cerca de 30 dias, respondeu às questões feitas por meio de uma carta que enviou por correio convencional. Nessa carta de resposta constou, primeiramente, um pedido de desculpa pelo fato ocorrido, e informaram que teriam prazer em colaborar com a pesquisa. Mas também informaram que, para se ter acesso ao albergue, era necessário ter a credencial de peregrino, e que esse fato poderia explicar a não autorização de trabalho interno no albergue por parte da hospitaleira em Tui. Contudo, esse argumento ou suposição não se demonstrou válido, pois, logo no momento de chegada ao albergue, e como já mencionado, foi imediatamente solicitada a credencial de peregrino. Na carta também constava um

convite por parte dos Xacobeos para retornar novamente aos albergues públicos espanhóis, de forma a realizar os trabalhos interno nos mesmos, sendo apenas necessário comunicar previamente a data ou período para tal.

Neste cenário de diversidades, faz-se aqui necessário lançar mão de alguns dados para contextualizar e compreender a dimensão da questão. Como se pode verificar no Quadro I, segundo a Oficina del Peregrino (Escritório do Peregrino), como exceção do Ano Santo ⁻⁵ de 2010, há um crescimento contínuo de peregrinos que se dirigem a Santiago de Compostela como peregrinos que apresentaram a credencial do peregrino e foram atendidos na Oficina del Peregrino.

QUADRO 1: PEREGRINOS E MOTIVAÇÕES

| Ano / Peregrinos | Motivação Religiosa/ (%) | Motivação Religiosa-cultural | Motivação Somente Cultural |
|------------------|--------------------------|------------------------------|----------------------------|
| 2019/ 347.578 | 169.314 (48,71%) | 140.110 (40,31%) | 38.154 (10,98%) |
| 2018 / 327.378 | 140.037 (42,78%) | 156.720 (47,87%) | 30.621 (9,35%) |
| 2017 / 301.036 | 130.831 (43,46%) | 142.662 (47,39%) | 27.543 (9,15%) |
| 2016 / 277.854 | 122.973 (44,26%) | 132.660 (47,74%) | 22.221 (8,00%) |
| 2015 / 262.447 | 99.671 (37,98%) | 141.967 (54,09%) | 20.809 (7,93%) |
| 2014 / 237.882 | 101.012 (42,46%) | 120.409 (50,62%) | 16.461 (6,92%) |
| 2013 / 215.879 | 86.284 (39,97%) | 117.788 (54,56%) | 11.807 (5,47%) |
| 2012 / 192.458 | 79.477 (41,30%) | 101.155 (52,56%) | 11.826 (6,14%) |
| 2011 / 183.378 | 78.972 (43,07%) | 93.156 (50,80%) | 11.250 (6,13%) |
| *2010 / 272.417 | 148.725 (54,59%) | 109.975 (40,37%) | 13.717 (5,04%) |

FONTE: Oficina del peregrino - Escritório do Peregrino (2020)

Ao fazer uma análise simples dos dados, constata-se que, com exceção do ano de 2010, o Ano Santo, em que a motivação religiosa é predominante, em todos os demais anos, as motivações religiosa-cultural somada a cultural, são superiores a motivação estritamente religiosa. Neste cenário, pode-se então inferir que o número dos ditos “verdadeiros peregrinos” é inferior ao dos turigrinos. Outro ponto que se pode destacar é que o número de peregrinos que fazem a peregrinação somente pela vertente religiosa segue um crescimento percentual.

Como apresenta Sousa (1999), ao longo da história, as peregrinações tiveram várias funções, e em momento algum teve exclusivamente uma função religiosa, houve sim, uma predominância religiosa em determinados momentos, que perpassou

5 Ano Santo – a festa de comemoração do martírio do Apóstolo S. Tiago Maior que é celebrada no dia 25 de julho, quando este dia coincide com um domingo é então considerado Ano Santo. Nos ditos Anos Santos, há um fluxo de peregrinações. O primeiro Ano Santo foi decretado (no ano 1112 pelo Papa Calisto II, porém só em 1179, Alexandre III decreta a perpetuidade da data. O próximo Ano Santo será em 2021.

por funções culturais, e na atualidade, destaca-se a função econômica.

A respeito das peregrinações à Santiago de Compostela na contemporaneidade, Singul (1999) faz uma descrição das motivações, que vão além das motivações religiosas católicas:

Certamente os motivos religiosos tradicionais – por devoção, voto, petição de um favor concreto etc. – têm plena vigência. No entanto, há motivações culturais e ecológicas que movem as pessoas, sobretudo os jovens, a fazer o Caminho: o encontro com uma bonita e variada paisagem da rota jacobea, a aproximação com a arte medieval europeia, a vivência da ecologia; em suma, interesses socioculturais nos quais se misturam o meio ambiente, a cultura e a história do Caminho. Muito características são as motivações religioso-culturais, nas quais se dá uma significativa mistura de devoção e cultura, de espiritualidade e arte. E, em geral, estão muito vivas as motivações espirituais. A vivência do Caminho de Santiago, hoje em dia, é uma forma de praticar o ecumenismo espiritual: são católicos, protestantes, anglicanos, budistas e de outras religiões os peregrinos que caminham para Compostela a cada ano. Entre as motivações pessoais, destaca-se o seguir a rota jacobea como prática de meditação sobre a própria vida, ou de um aspeto muito concreto de seguir a mesma; é uma forma de terapia para “encontrar a si mesmo.” (SINGUL, 1999. p. 66).

Nesse cenário de múltiplos sentidos e controversas, é pertinente compreender essas dimensões e possíveis conflitos nestes processos de usos e apropriação destes locais e práticas culturais. A diversidade, neste caso das peregrinações a Santiago de Compostela pode ser interpretada como adversidade, ou seja, sentidos divergentes de exclusão e estigma aos diferentes usos e apropriações.

3 CONCLUSÕES

O cenário apresentado é complexo, e como mencionado, foi analisado e exposto, apenas com informações sobre o Caminho Português a Santiago de Compostela. As informações apresentadas não pretendem fazer juízo de valor, mas sim apresentar os fatos de forma ampla a fim permitir diálogos que visem auxiliar na resolução das questões.

A peregrinação pode ser entendida como algo em movimento, ao longo dos milênios, e as suas transformações em diferentes contextos, como são apresentadas nas questões teóricas de peregrinos e peregrinação. Com o número crescente de peregrinos, os Caminhos a Santiago de Compostela merecem atenção ainda maior, pois os atritos e conflitos podem ganhar dimensões e impactos negativos maiores.

Contudo, face a essas variáveis, é complexo afirmar: quem são os verdadeiros peregrinos; quem tem direito a fazer uso desse bem; quem pode percorrer os Caminhos de Santiago; quais as motivações que são legítimas e ilegítimas; e definir

quem avalia e dará a chancela de “verdadeiro peregrino”. Intenções e motivações para fazerem a viagem de peregrinação não estão estampadas no peregrino e muito menos declaradas abertamente.

Como é apresentado por Sousa (1999), na atualidade não se pode considerar que as peregrinações estão à margem da atividade turística, por mais que a motivação principal seja religiosa, o componente turístico perpassa por ela. Esse mesmo autor enfatiza que ao longo da história, as peregrinações tiveram várias funções, e em momento algum, teve exclusivamente uma função religiosa. Houve sim, uma predominância religiosa em determinados momentos, que decorre de funções culturais, e, na atualidade, destaca-se a função econômica. Como também é destacado pelo autor, para que o Caminho perdure, é necessária uma dialética entres os atores envolvidos (municípios, confrarias, Igreja, peregrinos...), para que as diversas funções do Caminho se mantenham, pois, se houver apenas uma predominância, corre-se o risco de o Caminho de Santiago ficar em desequilíbrio e ameaçado.

Face a isso, algumas reflexões podem ser exploradas em trabalhos futuros: Como seria se um dos Caminhos só fosse explorado como função econômica, em que, quanto mais rentável melhor? Como seria se fosse condenada outra forma de peregrinação que não fosse com bases estritamente religiosa? Diagnósticos e prognósticos esses que podem ajudar a analisar os Caminhos a Santiago de Compostela, bem como outras rotas de peregrinações passíveis conflitos, que evidenciam a necessidade de diálogo e pesquisa.

Outra abordagem possibilita refletir sobre a compreensão ou não do peregrino como turista. Em (PEREIRA; SILVA; PERINOTTO, 2011) para descrever que os peregrinos são potenciais turistas, pois assumem o comportamento de turistas quando utilizam os equipamentos e serviços, bem como possuem semelhante comportamento de gastos dos turistas. Portanto, pode-se inferir que conflitos de classificação e compreensão de peregrinos, turigrinos e turistas estão para além das vertentes culturais, sendo esse também um elemento de conflito conceitual no meio acadêmico.

AGRADECIMENTOS:

Este artigo faz parte da pesquisa realizada durante a elaboração da dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural, bolsista Erasmus Mundus- MONESIA -2010/2012, e da tese de doutorado em Antropologia Social e Cultural, através do programa de financiamento de Doutorado Pleno no Exterior – CAPES - 2013/2017.

REFERÊNCIAS

- ARENAS, J. F. **Elementos Simbólicos de la Peregrinación Jacobea**. León. Edilesa, 1998.
- DIAS, G. J. A. C. **Em Peregrinação a Santiago pelos Caminhos de Portugal**. In: Gil Vicente- Revista de Cultura e Actualidades. nº 29, Jan./ dez. Guimarães: Ideal – Artes Gráficas. p. 1-15, 1994.
- JUBILEU. **Guia da Peregrinação**. Lisboa: Paulus Editora, 2000.
- LIMA, J. S. **A Peregrinação. Percursos e a palavra**. Lisboa: Editora Departamento Editorial da INCM, 2007.
- OFICINA DEL PEREGRINO. **Dados Estatísticos**. Disponível em: <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/> . Acesso em: 17 abr. 2020.
- PEREIRA, B. T. da S.; SILVA, L. F. O.; PERINOTTO, A. R. C. **Festejo de São Francisco: análise sobre uma alternativa de desenvolvimento do Turismo Religioso em Parnaíba (Piauí, Brasil)**. Turismo e Sociedade, v.4, n.2, p. 363-380, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/24768/16606>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- PEREIRA, P. **Peregrinos - Um Estudo Antropológico das Peregrinações a pé a Fátima**. Lisboa: Editora Crença e Razão, 2003.
- PLÖTZ, R. El Apostolo Santiago el Mayor em la Tradición Oral y Escrita. In:
- LÓPEZ, A. F.; MORALEJO, S. **Santiago, Caminho de Europa: Culto y Cultura em la peregrinación a Compostela**. Santiago de Compostela: ATENEA, Comunicación y Mecenazgo S.A, 1993.
- RIVAS, J. L. B. **La Función Política de los Caminos de Peregrinación en la Europa Medieval – Estudio del Camino de Santiago**. Madrid: Editorial Tecnos S.A, 1997.
- SILVA, J. A. da. Caminho de Santiago: uma Europa Peregrina, **Theologica**, v. 39, nº 2, Braga, p. 331-357, 2004.
- SINGUL, F. **O Caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SOUSA, M. A. Á. **Teórico Para a Análise das Peregrinacões**. In: SOUSA, M. A. Á...Homo Peregrinus. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 1999.

TEIXEIRA, A. Matrizes das Crenças em Portugal. In: LAGES, M.F.; MATOS, A.T. **Portugal, percursos de interculturalidade**: matrizes e configurações. Lisboa: SIG Lda. 2008.

TURNER, V.; TURNER, E. **Image and pilgrimage in Christian Culture**. New York: Columbia University Press, 1978.

XACOPÉDIA. **Definição de Turigrino**. Disponível em: <http://xacopedia.com/turigrino>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Recebido em: 16-12-2019

Aprovado em: 14-09-2020

TS